

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADEMICA DE GRADUAÇÃO
FILOSOFIA

NICOLAS LIMA PACINI

**E SE NICK BOSTROM ESTIVER CERTO? SERÍAMOS PESSOAS CASO
FÔSSEMOS UMA SIMULAÇÃO?**

SÃO LEOPOLDO

2018

NICOLAS LIMA PACINI

**E SE NICK BOSTROM ESTIVER CERTO? SERÍAMOS PESSOAS CASO
FÔSSEMOS UMA SIMULAÇÃO?**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção
do título de Licenciatura em
Filosofia pelo Curso de Filosofia
da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Marco Antônio Azevedo.

SÃO LEOPOLDO

2018

**Dedico esta pesquisa à minha doce e
pequena irmã, Nicoli.**

AGRADECIMENTOS

A vida, que por vezes se mostrou traiçoeira, mas uma excelente professora.

A instituição Unisinos pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

Ao coordenador do Curso de Licenciatura em Filosofia, prof. Clóvis Gedrat, que sempre se prestou a ouvir meus lamentos, se mostrando profissional fornecendo o necessário para encontrar meu caminho nesta trajetória.

Ao meu orientador, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

A minha mãe, que nunca economizou energias para me auxiliar durante este processo, sempre estando ao meu lado, minha grande amiga e parceira, quem me ensinou o poder das palavras e da leitura.

A meu pai, que sempre se dedicou para nada me faltar durante a vida, quem me ensinou o valor do trabalho e a nunca desistir.

A minha irmã, que me ensinou o que é se dedicar inteiramente a alguém.

Aos meus colegas acadêmicos, que sempre se mostraram prontos para ajudar.

Meus agradecimentos aos inúmeros amigos e amigas, que fizeram parte de minha vida durante a formação, cada um foi importante para que de uma maneira ou outra nunca me faltasse energias para seguir em frente. Apoiando minhas ideias malucas e tendo paciência durante todo este processo de criação, mostrando que sem senso de humor e humildade jamais iria para frente.

Aos demais que direta ou indiretamente participaram deste processo, o meu muito obrigado.

Dialogo de Neo com Morpheu

“Morpheu: -Vou te contar porque está aqui: Você sabe de algo.

- Não sabe explicar o quê. Mas você sente.

- Você sentiu a vida inteira: há algo errado com o mundo.

Você não sabe o que é, mas há.

Como um zunido na sua cabeça te enlouquecendo.

Foi esse sentimento que te trouxe até mim.

- Você sabe do que estou falando?

Neo: - Da Matrix?

Morpheu: - Você deseja saber o que ela é?

Neo: - Sim.

Morpheu : -A Matrix está em todo lugar. À nossa volta. Mesmo agora, nesta sala.

- Você pode vê-la quando olha pela janela ou quando liga sua TV;

- Você a sente quando vai para o trabalho, quando vai à igreja, quando paga seus impostos....

- É o mundo que foi colocado diante de seus olhos para que você não vise a verdade.

Neo: - Que verdade?

Morpheu: - Que você é um escravo. Como todo mundo, você nasceu num cativoiro.

- Nasceu numa prisão que não pode sentir ou tocar. Uma prisão para sua mente.

- Infelizmente é impossível dizer o que é Matrix. Você tem que ver por si mesmo.

- Esta é a última chance. Depois não há como voltar. ”

Matrix, 1999

RESUMO

O intuito deste trabalho é explorar a ideia levantada em 2003 pelo filósofo Nick Bostrom, segundo a qual pode-se quase certamente afirmar que a humanidade atual se trata de mentes simuladas em um mundo simulado por um computador. Em outras palavras, não se trata de seres reais, mas sim de existências imateriais ou virtuais, que por consequência serão caracterizadas como inteligências artificiais. O propósito deste trabalho não será defender, mas sim especular sobre algumas consequências que se seguem desta ideia. Mostrando assim, que os critérios de identidade que são admitidos atualmente como plausíveis, também se aplicam mesmo se Bostrom estiver correto, ou seja, nada haveria de mudar no modo como se é visto o mundo ou como é interpretado, inclusive quando se trata de conceitos sobre personalidade e essência. Além disso, será mostrado a possibilidade de um novo campo para metafísica, o qual poderá demonstrar a essência do mundo físico.

Palavras-chave: Simulação, inteligência artificial, pessoa, humanidade, ciborgue.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. Estaríamos já vivendo em uma simulação de computador?	9
2.1 As três proposições:.....	9
2.2 A aceitabilidade das três proposições:.....	12
3. Identidade, liberdade e pessoa simulada.	14
3.1 Ser mente simulada nos dá garantia de que somos pessoas.....	15
3.2 É possível haver liberdade em uma simulação.	19
4. Mas, afinal, pessoas não são essencialmente seres humanos?.....	24
4.1 Humanos e ciborgues, ambos podem ser pessoas.....	24
4.2 Experimento mental; a humanidade pode ser determinada pelo DNA e capacidade reprodutiva?.....	27
4.3 Ser simulação não deve alterar o modo como vivemos.....	28
4.4 A ideia proposta por bostrom deve ser vista como científica.	29
5. Considerações finais.....	32
Referências	33
ANEXOS	35
Anexo A	35
Anexo B	35
Anexo C	35

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do curso muitas sementes de conhecimento foram plantadas, nem todas foram regadas e cuidadas de maneira que se tornassem fortes o bastante para que dessem seus frutos. Diversas áreas foram atrativas em muitos momentos, mas a ideia de lidar com um tema extremamente recente, que por muitos nem irá ser compreendido como parte da filosofia, foi desafiador e atrativo o bastante para que fosse possível realizar esta pesquisa. Pesquisa está que se baseia em leituras, conjecturas e especulações sobre possibilidades do avanço tecnológico e variações sobre a humanidade.

Confrontar nossa realidade não é uma preocupação apenas contemporânea. Já nos primórdios da filosofia, Platão questionava se a essência do mundo estava no mundo físico, ou “sensível” como ele chamava, defendendo que estava no mundo inteligível, ou mundo das ideias, que é capturado apenas pelo intelecto. Platão, entretanto, nunca questionou sua própria existência física ou material, diferentemente dos filósofos modernos, como Berkeley, que questionou a inteligibilidade do conceito de “matéria” e concluiu que toda a realidade não passa de pura percepção, ou mesmo Descartes, que, ao propor metodologicamente duvidar de tudo antes de se assegurar de sua própria identidade como ser pensante, provou a si mesmo que poderíamos existir de um modo diverso do modo que acreditamos existir de fato. Os filósofos, portanto, sempre tomaram a realidade como problemática; no entanto, todos concluíram de um modo ou de outro que estamos corretos em pensar que temos uma existência real, senão material, ao menos uma existência única (Berkeley, por exemplo, nunca duvidou disso: para ele, somos ideias na mente de Deus, mas ainda assim somos seres únicos e reais em nossa forma própria de existir). Mais recentemente, porém, a dúvida sobre se se somos ou não seres reais passou a ser levada a sério por alguns filósofos britânicos.

Nesta monografia, pretendo explorar a ideia levantada pelo filósofo Nick Bostrom em 2003, segundo a qual podemos quase certamente afirmar que somos *atualmente* mentes simuladas. Em outras palavras, não somos seres reais de carne e osso, mas sim existências imateriais ou virtuais, simuladas por algum programa ultrassofisticado. A tese é algo exótica. Meu propósito nessa monografia não será exatamente defendê-la, mas sim especular sobre algumas consequências interessantes que se seguem de sua plausibilidade. Buscarei, assim, mostrar que os critérios de identidade que

admitimos hoje como plausíveis aplicam-se mesmo se Bostrom estiver correto, ou seja, de que nada haveria de mudar no modo como vemos o mundo ou como o interpretamos, inclusive quando se trata de nossos conceitos sobre nossa personalidade ou essência. Assim, se eu estiver correto, qualquer pretensa prova de que somos, ao contrário do que sustenta Bostrom, seres reais ou materiais é irrelevante para a auto compreensão de nossa própria essência ou natureza.

A questão fundamental, com efeito, é a seguinte: não deveríamos aceitar e até mesmo desejar que sejamos tratados como mentes simuladas? Pois do contrário, há fortes motivos para acreditarmos que é quase certo que iremos nos extinguir com o passar do tempo, ou que nossa tecnologia encontrará um limite. Não seria, então, melhor para todos nós que Bostrom esteja certo?

2. ESTARÍAMOS JÁ VIVENDO EM UMA SIMULAÇÃO DE COMPUTADOR?

Em 2003, Nick Bostrom, um filósofo sueco, escreveu o artigo “Are you living in a computer simulation?”. Neste artigo Bostrom diz fazer uma modernização da ideia da alegoria da caverna de Platão. Inicialmente, Bostrom nos faz com que acreditemos estar vivendo em uma simulação de um computador do futuro, e é sobre esta especulação que falaremos neste trabalho. Bostrom sugere que há fortes razões para que aceitemos a conclusão de que é quase certo que já sejamos mentes simuladas, isto é, de que nossa “vida” se trata de uma realidade simulada por um computador do futuro. O argumento que Bostrom utiliza para defender isso é basicamente o seguinte.

2.1 AS TRÊS PROPOSIÇÕES:

Antes mesmo de iniciar a discussão do artigo, Bostrom nos entrega três proposições, e junto disso alega que, necessariamente, ao menos uma delas é verdadeira, sendo as seguintes:

- a) **Primeira proposição:** A espécie humana está suscetível a se extinguir antes de chegar a um estágio *pós-humano*¹.
- b) **Segunda proposição:** É extremamente improvável que qualquer civilização pós-humana seja capaz de rodar um número significativo de simulações de sua história evolutiva ou de variações dela.
- c) **Terceira proposição:** É quase certo que já estejamos vivendo em uma simulação de computador.

Parece suficiente claro que essas três proposições são independentemente possíveis. As três proposições, no entanto, não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. Restritos a elas, temos que, se as duas primeiras forem verdadeiras, a última é muito provavelmente falsa. Mas se as duas primeiras forem falsas, o que nos sobra é a terceira. Haveria alguma alternativa além dessas três opções?

¹Transhumanistas alegam que a espécie humana não precisa ser o fim da evolução, isto é, aos olhos de um transhumanista, a biologia humana poderá ser melhorada significativamente. Possuímos limitações claras em nossa biologia, como por exemplo, o tempo de vida, capacidades sensoriais, capacidade intelectual, dentre outras. Sendo assim, transhumanistas defendem que com um uso consciente da tecnologia, a espécie humana poderá vir a evoluir para pós-humanos, sendo estes, seres sem as limitações biológicas que temos hoje, e com capacidades tecnológicas que enquanto humanos não poderíamos ser capazes de compreender.

Nos atenhamos aqui, porém, a apenas o que Bostrom nos apresentou. Ora, se avaliarmos a duas primeiras proposições, podemos facilmente compreendê-las e, dadas algumas suposições bastante admissíveis (como a de que muito provavelmente venhamos a dispor num futuro próximo de poderes computacionais muito maiores do que os que atualmente dispomos), podemos, por consequência, tomá-las como falsas para um possível futuro de nossa humanidade. É o que nos leva a ter de aceitar a última proposição. Mas vejamos antes o que Bostrom pretende dizer com cada uma dessas proposições para assim explorar a aceitabilidade e falseabilidade de cada uma.

O conjunto dessas três proposições dizem respeito à possibilidade de no futuro ser possível a criação de uma mente simulada, ou um universo simulado, de maneira que seja tão perfeito que não exista possibilidade de distinguir simulação de realidade. Para fortalecer a plausibilidade dessa ideia, Bostrom utiliza parte da filosofia da mente contemporânea, a tese do substrato de independência, que se caracteriza por afirmar a conceitabilidade da tese de que estados conscientes não são necessariamente dependentes da biologia humana. Isto é, munidos de uma tecnologia adequada, é possível que possam existir estruturas e processos capazes de reproduzir estados conscientes, o que inclui ou ao menos poderá incluir, por certo computadores, ainda que computadores do *futuro*.

Provided a system implements the right sort of computational structures and processes, it can be associated with conscious experiences. It is not an essential property of consciousness that it is implemented on carbon-based biological neural networks inside a cranium: silicon-based processors inside a computer could in principle do the trick as well. (BOSTROM, 2003, pg 2)

A primeira proposição, para aqueles que a defenderem como correta, pode ser vista com um certo grau de pessimismo, visto que se baseia no fato de que não poderá haver no futuro uma realidade simulada, já que a humanidade, não necessariamente como a conhecemos agora, deixará de existir muito antes de termos alcançado o estágio Pós-humano. Ou seja, não viveremos o bastante para se chegar ao patamar tecnológico suficiente para criar mentes simuladas. Já a segunda proposição, diz que mesmo que sejamos capazes de alcançar o estágio pós-humano, haverá um limite no avanço tecnológico e não seremos capazes de criar mentes simuladas. Ou ainda que,

mesmo que sejamos capazes de o fazer, não teremos interesse em cometer tal feito, possivelmente por conceitos éticos.

Sobre a terceira proposição, a qual o artigo nos conduz a crer que possa ser a mais provável, está colocado por Bostrom de maneira matemática e silogística, entretanto, tentaremos a entender de maneira mais simples. Partimos então de um ponto qualquer no espaço e tempo, ou seja, qualquer momento da evolução humana, seja em dez anos ou em dez mil anos, isso não há de interferir. Neste tempo imaginado, uma pessoa qualquer foi capaz de criar um universo simulando o surgimento do mundo e vida consciente nele, e com isso o avanço da história até seus dias atuais.

Este universo há de ser tão complexo e perfeito, que se fosse possível que entrássemos nele, (possivelmente através de uma espécie de evolução dos óculos de realidade virtual, que são utilizados em vídeo games atuais (algo que podemos estar bem próximos), ou até mesmo algo que se assemelhe ao seriado de televisão *Westworld*²), não seríamos capazes de notar que se trata de uma simulação, isto é, um universo que não notaríamos diferença entre real e simulado.

Partindo do princípio de que existe apenas uma realidade exterior *real*, vamos chama-la aqui de *matriz*³, a partir do momento que essa pessoa cria o universo simulado, passamos então a ter dois universos. Já assumimos que o universo simulado é tão complexo quanto o nosso, visto que não notamos diferença entre simulação e realidade. Portanto, a chance de estarmos na realidade real passa a ser de um para dois, sendo que nascemos sem escolha de muitas coisas, como país, cultura, e certamente não escolheríamos a realidade que nasceríamos, caso existam mais de uma.

Suponhamos agora que está pessoa mostre para seus amigos a simulação que criou, de forma que cinco deles tenham interesse a reproduzir em seus próprios computadores. A partir de então haverá sete universos possíveis de estarmos, passando a ser as chances de estarmos no universo Matriz de um para sete. Porém, a simulação, além de entretenimento, poderia ser utilizada para outros fins, que iremos

² *Westworld*, é uma série de televisão. A história se passa em um parque temático, que simula o velho oeste, os residentes do local se tratam de andróides sintéticos, apelidados de anfitriões, que devem atender os desejos dos visitantes do parque. As pessoas visitam este parque para poderem fazer o que for de sua vontade, sem seguir regras ou leis. Sobre assuntos de filosofia tendo como tema esse seriado, veja-se South e Engels (2018).

³ Referência ao filme *Matrix*, criado em 1999.

explorar no decorrer deste ensaio. Ora, isso mostra que seria ingênuo dizer que haveria apenas seis simulações sendo rodadas em um universo que fosse capaz de produzir tal feito.

Bostrom vai além deste pensamento, alegando que somos mentes simuladas, isto é, mentes conscientes introduzidas em uma simulação, e ao falarmos em mentes simuladas, há uma quantificação nos números. Em cada universo criado haverá as mentes simuladas para representar os seres conscientes que neste mundo vivem. Portanto para cada universo simulado, que esteja no século XXI, haverá nele sete bilhões de mentes simuladas, número próximo de pessoas que temos em nosso planeta atualmente. Logo, ao pensarmos apenas nas seis simulações sendo rodadas, há então quarenta e dois bilhões de mentes simuladas, e pensando individualmente para cada um de nós, a chance de sermos uma mente simulada passa a ser de bilhões para um.

2.2A ACEITABILIDADE DAS TRÊS PROPOSIÇÕES:

Uma possível maneira de falsear a primeira proposição, se encontra no avanço tecnológico, a espécie humana vem se distanciando de uma extinção através de inúmeras tecnologias. Muitas previsões podem ser realizadas com uma longa antecipação, assim facilitando o processo de resposta que poderemos ter. Ainda há também ideias que deixam de ser futuristas e passam a ter previsões de serem realizadas dentro de nosso século, como por exemplo a ideia da colonização espacial, a qual faria com que mesmo que o planeta acabasse, a espécie humana ainda haveria de sobreviver. Assim, com o passar dos anos, caso não sejamos extintos subitamente, e a ideia da colonização espacial seja colocada em prática, os créditos sobre a primeira proposição entram em declínio.

Para tentarmos falsear a segunda proposição, podemos falar somente sobre o avanço tecnológico dos jogos digitais dos últimos quarenta anos. O jogo digital mais avançado que existia há quarenta anos atrás se tratava do Pong, que se resume a duas barras na vertical e uma bola se chocando contra elas⁴. Nos dias atuais, há jogos que chegam a ter capacidade de durar centenas de horas de maneira independente, ou seja, conseguindo adaptar a história de maneiras diferente de acordo com o modo que cada jogador toma suas decisões sobre o jogo. A representação e computação

⁴ Ver anexo A, imagem do jogo pong; 1972.

gráfica se tornam cada vez mais real, há jogos que por vezes podem ser confundidos com uma filmagem⁵. Já na computação gráfica, existe filmes que recriaram de maneira digital pessoas já falecidas para terminar o trabalho de gravação⁶. Ora, vale lembrar ainda, que a maneira que Bostrom propõem a análise, o tempo não seria um inimigo de sua teoria, nem mesmo um amigo, mas um aliado, pois podemos com ela, mensurar a ideia do avanço tecnológico em cem anos, como de cem mil anos à frente.

Vimos o avanço dos últimos quarenta anos, por sua vez, se o ampliarmos para milhares de anos, ou mais se necessário, seria ingênuo aceitar que não seremos capazes de criar mentes e realidades simuladas. Gordon Earl Moore previu em 1965, que a capacidade de processamento dos computadores dobraria, a cada dezoito meses, mantendo o mesmo ou menor custo e espaço. Daí a chamada Lei de Moore, paradigma que se mantém até os dias atuais se mostrando verdadeiro através da observação dos fatos no mundo, ao que se refere ao avanço tecnológico. Entretanto, não se pode afirmar que está lei irá perdurar durante muito tempo, pois há a possibilidade, por mais remota que seja, de que exista um limitador tecnológico, e este fato tornará verdadeira a segunda proposição.

Ainda sobre a segunda proposição, pode ser criado uma estrutura ética ao se falar da impossibilidade de criação, e não somente da falta de tecnologia. Ora, é de consenso quando falamos que devemos evitar qualquer tipo de sofrimento. Portanto, criar um ser artificialmente que seu sofrimento seja real, e para uma simulação, certamente o sofrimento mesmo que simulado será real, poderia ser mal visto através de olhos éticos, assim impossibilitando-nos de maneira ética de criar simulações. Porém, ao mesmo tempo, a ética antes de preza o direito à vida, não existe doutrina ou cultura que não preze valor sobre a vida. Então poderíamos dizer que partir do momento que a simulação surge e emite sofrimento real, haverá valores sobre ela, portanto se em algum momento foi rodado simulações, mesmo que tenha sido proibido criar novas simulações por algum conselho de ética do futuro, não se poderá desligar as antigas, pois seria um atentado contra vida.

Há um ponto geral aqui, a saber, que existem algumas regras morais que todas as sociedades têm que adotar porque tais regras são necessárias para que a sociedade exista. As regras contra mentir e

⁵ Ver anexo B, fotografia do jogo death stranding; 2017.

⁶ Ver anexo C, imagem do filme Star Wars, Rogue One; 2016, recriação de Peter Cushing, falecido em 1994.

matar são dois exemplos. De fato, encontramos essas regras vigentes em todas as culturas. (RACHELS, 2013, pg 31)

No fim do artigo, Bostrom diz que, “A menos que estejamos vivendo agora em uma simulação, nossos descendentes quase certamente nunca executarão uma simulação ancestral” (BOSTROM, 2003). Ou seja, se não somos uma realidade simulada no momento, então, quase certamente nunca seremos capazes de criar mentes simuladas em um universo simulado, ocorra isso por uma extinção da espécie, limitações tecnológicas ou falta de interesse. Ainda na conclusão, ele diz que parece sensato distribuir crédito de maneira igualitária entre as três proposições, visto que ao aceitar uma delas como verdadeira, um desencadeamento muito grande poderá surgir. Além de que, só será possível saber qual se trata da correta com o passar dos anos, de maneira que se algum dia estivermos prestes a criar mentes simuladas, a terceira se mostrará verdadeira, pois assim não estaremos extintos nem impossibilitados, e a simulação que rodaremos poderá ser uma simulação dentro de uma simulação, assim como já podemos o ser.

Sugiro assumirmos a partir deste ponto, para fins de argumento, que Bostrom está certo, a fim de ver que conclusões podemos extrair disso. Como vimos acima, acreditar que a primeira e a segunda proposição estão certas requer uma forte crença, já a terceira requer apenas a falseabilidade das primeiras para ser plausível. Seguiremos a partir deste ponto, utilizando a terceira proposição como sendo possivelmente a verdadeira, de maneira que probabilisticamente falando, a chance de não sermos uma mente simulada é de um para bilhões. E através desta ideia concluimos que, é altamente provável que sejamos uma mente simulada.

3. IDENTIDADE, LIBERDADE E PESSOA SIMULADA.

Nesta sessão será trabalhado em cima da ideia de que somos simulações, buscando entender os conceitos que deliberamos no decorrer da linha do pensamento

filosófico. Falaremos sobre eles e tentaremos entender se também cabem a um mundo com mentes simuladas.

3.1 SER MENTE SIMULADA NOS DA GARANTIA DE QUE SOMOS PESSOAS.

Seguindo da ideia proposta acima, podemos concluir que nossas existências não seriam de matéria física, isso para muitas pessoas pode parecer perturbador ou uma forma cética de ver o mundo e a vida, pois de certa forma seria o mesmo que afirmar que não existimos. Chalmers disse em uma entrevista para *serious science*, que, seja simulada ou matriz, nossa realidade é real, “ela existe, mas seria feita de informação”, afirma ele. Porém, afirmar que somos mentes simuladas está muito além de provar a existência ou inexistência de nossos corpos, constatar que somos uma simulação é o mesmo que assumir a posição de que somos inteligências artificiais⁷, visto que seríamos uma consciência construída artificialmente.

Podemos explicar um *ente*⁸ e determinar que se trata do mesmo ser, desde o momento de sua criação ao momento em que deixa de existir, de maneira simples e sem causar dúvidas sobre o afirmado. Basta que o objeto se localize em diferentes espaços e tempos, para o compararmos com ele mesmo, e assim poderemos determinar que se trata do mesmo ser. Além de constatarmos se tratar do mesmo ser e o diferenciaremos de outros objetos, podemos falar sobre o que é e para o que serve, e caso ele sofra alguma alteração, desde que não perca ou mude sua utilidade, concordaremos que se trata do mesmo objeto. Podemos exemplificar o que foi dito acima com o exemplo de um carro, que após um acidente, está restaurado com peças diferentes, mas aceitamos sem gerar dúvidas que se trata do mesmo carro antes e depois do acidente.

Quando este assunto é jogado para um indivíduo vivo, normalmente da espécie humana, (no caso de uma árvore, concordamos se tratar da mesma desde a semente até ser capaz de produzir uma bela sombra) a aceitação da mutação pode se tornar problemática. Pensando nisso, no século XVII se cria e problematiza o que é chamado hoje de identidade pessoal, esta linha de raciocínio surge com o pensamento de John Locke (1632-1704), que buscou romper a ideia de que, é o corpo quem designa a identidade humana.

⁷ Inteligência artificial; se designa pela criação de um ser inteligente de maneira artificial, este ser deve ser dotado de autoconsciência, ser capaz de racionalizar e possuir linguagem.

⁸ Ente; ser, coisa, objeto.

Para Locke, o corpo designa a identidade de homem, entretanto, ele alega que, *homem, pessoa e substância* designam identidades diferentes. Ao falar do assunto constata a necessidade de diferenciar homem de pessoa, para isso conta-nos a história de um príncipe que conheceu um papagaio racional. Este era capaz de se comunicar, aprender novas línguas, responder questões filosóficas e possuía senso de humor durante seus diálogos.

Locke com este exemplo, nos leva a pensar que por mais racional que o papagaio possa ser, jamais o designaríamos como um homem, e como contraponto, qualquer ser humano que não fosse capaz de racionalizar, dialogar ou qualquer outra coisa que o papagaio era capaz, seria tratado como um homem sem muitas ou até nenhuma capacidade racional, porém, não poderia ser outra coisa que não *homem*. Da mesma maneira que mesmo que existisse uma sociedade destes papagaios, jamais o adotaríamos com seres portadores do atributo de humanidade, e com isso conclui ele que não pode ser a racionalidade que determina a identidade humana.

“Pergunto a quem mais acha essa história adequada para ser contada, se, no caso desse papagaio e de todos da sua espécie terem sempre falado como este, tal como temos a palavra do Príncipe a seu favor, se, digo, eles tivessem passado por uma raça de animais racionais, se, por tudo isso, ainda assim, eles teriam sido reconhecidos como homens e não papagaios? Presumo que não é somente a ideia de ser pensante ou racional que constitui a ideia de homem na opinião da maioria das pessoas, mas a de um corpo com este ou aquele formato unido a ele” (LOCKE, 1694, pg 175)

Com a ideia proposta, Locke problematiza a crença de que é a razão quem fornece a identidade humana, mostrando que neste caso se trata apenas do corpo, desta forma constata que há mais fatores de identidade que envolvem o ser, e é neste ponto que entra o que chamamos de identidade pessoal. Ou seja, há a identidade humana, que é fornecida através do corpo, e há uma identidade que não é compartilhada por todos, a qual se determinará através do que Locke chama de *pessoa*.

Para Locke é a condição de ser pessoa quem fornece a possibilidade de identidade pessoal, e segundo suas palavras “uma pessoa é um ser pensante inteligente que pode conhecer a si mesmo como a mesma coisa pensante em diferentes tempos e lugares” (Locke, 1694). Ou seja, o que garante que alguém se trata do mesmo ser, no passado e no presente, se encontra no fato desse ser possuir

capacidade de conhecer a si mesmo no passado como causador de suas ações, que por consequência o levaram até o presente, onde ele também se reconhece. E é isso para Locke que constitui a identidade pessoal de cada ser.

Podemos exemplificar o que Locke trata por pessoa usando o exemplo de um homem que sofreu um grave acidente, fazendo com que perdesse todas as suas memórias, este não se reconhece como causador de suas ações no passado, tão pouco reconhece a família em que está inserido no presente. Para ele, tudo que aconteceu antes do acidente, ocorreu com outra *pessoa*, visto que ele não se reconhece como o mesmo ser do passado, mas para seus entes queridos, ele se trata ainda da mesma pessoa antes e depois do acidente, porém neste caso, o que se mantém sendo igual é sua substância humana.

Utilizando de fatores como demonstrados nos exemplos acima, Locke constituiu o termo “pessoa”. Vejamos agora o caso de um homem que perde uma mão, mão esta que esteve com ele durante toda sua vida, portanto, faz parte de quem ele é e o constitui como um todo. No caso de uma amputação, em pouco tempo se aceitará que o membro amputado não faz mais parte do mesmo ser, e que a sua identidade está no restante de seu corpo e não na mão amputada, isto para Locke se trata do que entendemos por homem, ou substância humana.

Portanto, o que constitui a identidade de um ser humano, o que torna cada um diferente do outro e que por sua vez nos dá condições de mudança substancial sem perdermos nossa identidade, como no caso da mão amputada, está estritamente ligado ao termo *pessoa*.

Ora, se Locke está certo, e assumindo que a terceira proposição de Bostrom é a correta, que com efeito, todos os seres pensantes presentes são simulações. Sem muito esforço podemos então assumir que essas simulações são pessoas e constroem sua identidade pessoal, haja visto que cumprem o que Locke designa como pessoa, ou seja:

- a) Primeira premissa: Sendo mentes simuladas, somos de alguma forma IAs.
- b) Segunda premissa: Pessoas, segundo Locke é aquele ser pensante capaz de conhecer a si mesmo como a mesma coisa pensante em diferentes tempos e lugares.
- c) Terceira premissa: IAs conscientes, são capazes de conhecer a si mesmos em diferentes tempos e lugares.

d) Conclusão: Todas IAs presentes são pessoas.

Um problema que pode ser apontado, entretanto, é que nem todos os humanos que conhecemos são seres inteligentes, logo não poderiam sequer ser IAs. Há humanos que não possuem inteligência, seja porque ainda são muito pequenos (bebês recém-nascidos), ou porque a perderam definitivamente (como é o caso dos doentes mentais graves, dos portadores de demência, ou de indivíduos acometidos por lesões cerebrais graves e irreversíveis). Visto que não se encontram em estados conscientes, não há como suprir o que Locke designa como pessoa, e por consequência não poderiam se tratar de IAs. Seres não inteligentes, ou seres sem consciência ativa, não poderiam possuir mentes simuladas, e por sua vez não são IAs como já constatamos, portanto serão estes o que chamaremos de simulacros em uma simulação, ou o que Locke designaria como sendo apenas substância.

Estes simulacros, segundo Baudrillard, se tratam das coisas que temos contato e confundem-se com o real, ou seja, representam-nos o que existe na matriz, de maneira que se tornem familiares ao nosso intelecto. Uma espécie de dispositivo de defesa, uma máscara que pertence a um jogo. Simulacros se tratam de todas substâncias que conhecemos, alteradas ou inalteradas, e a isso se aplica os corpos, portanto, um ser que não é consciente, e por sua vez não se trata de uma pessoa, será desta forma apenas uma substância, um simulacro.

Na visão que muitos possuem atualmente, os seres inconscientes citados, poderiam ser denominados como apenas seres humanos, e não pessoas, baseando-nos, claro, na visão de Locke (para aqueles que defendem que a essência está ligada ao físico, ainda há o mesmo ser que sempre existiu ali). Portanto, para a hipótese que foi sugerida acima, pouco há de se mudar, visto que “ser humano” e “ser pessoa” estão tão distantes um do outro quanto “ser humano” e “ser uma IA”. O que cabe aqui a nós acreditar está no fato de que o corpo dotado de DNA humano, seja ele simulado ou não, permanece ao mundo, mas apenas como um simulacro, e não possui nele uma mente simulada, a qual denominamos como IA.

Está ideia pode parecer absurda à primeira vista, acreditar que há *algo* que comande o corpo e, portanto, seja o agente responsável por suas ações e pensamentos, e quando este deixa de ser consciente, este *algo* não se encontra mais sobre o corpo. Porém, está ideia é extremamente semelhante ao que muitos acreditam atualmente, intitulada apenas de um modo diferente (o que hoje chamam

de “alma” corresponderia à mente simulada). Dessa forma podemos dizer também que os seres não dotados de razão, tal como grande parte dos animais não-humanos, seriam também simulacros, criados numa simulação para representar cópias dos seres que nossos ancestrais conheceram.

Claro que há animais, principalmente os primatas, que segundo alguns estudos representam alguma forma de consciência de si mesmo, desta forma, seriam eles então designados pessoas para a visão de Locke? Vamos utilizar a visão de Descartes para falar sobre os animais, ele foi um pensador que alegou ser possível comprovar apenas a existência de nossa mente, questionando assim a complexidade do mundo físico ao qual estamos inseridos, justamente como ousou fazer agora. Para ele o corpo funciona como uma espécie de máquina, e assim também são os animais, muitos podem superar humanos em vários aspectos e habilidades. Porém, uma calculadora, é capaz de fazer o mesmo cálculo que nós, muitas vezes mais rápido, e com maior precisão, e nem por isso associamos este a estar usando de consciência para isso, assim sendo o mesmo caso com os animais.

“...o primeiro é que nunca poderiam utilizar palavras nem outros sinais, arranjando-os, como o fazemos, para manifestar aos outros nossos pensamentos... O segundo meio é que, embora fizessem muitas coisas tão bem ou talvez até melhor do que qualquer um de nós, falhariam inevitavelmente em algumas outras, pelas quais se descobriria que não agem por conhecimento, mas somente pela disposição de seus órgãos.” (DESCARTES, 2006, pg 46)

Portanto, baseando-se nas palavras de Descartes, pode-se aceitar que animais não são seres racionais e conscientes, desta forma não sendo pessoas para a visão de Locke. Haja visto que se tratam de seres mecânicos, ou simulacros, assim como nossos corpos.

3.2 É POSSÍVEL HAVER LIBERDADE EM UMA SIMULAÇÃO.

É simples afirmar que aqueles aqui intitulados de simulacros não possuem liberdade de fato como a entendemos, afinal, que liberdade um corpo inerte haveria de possuir? Entretanto, aqueles que já denominamos como pessoas, capazes de se reconhecer em diferentes tempos e lugares, entram neste diálogo com a ideia de que, uma simulação de certa forma é programada, porém não sabemos até que ponto esta programação pode influenciar em uma mente simulada.

Vejamos este exemplo, quando falamos que somos capazes de nos reconhecer em diferentes tempos e lugares, nos referimos também a possibilidade de se programar para o futuro, ou seja, eu sei o que irei jantar hoje à noite, a qual ainda não chegou. A pergunta que a afirmação pode gerar, será: eu poderia jantar outra coisa senão o que decidi? Muitos leitores certamente responderão de maneira instintiva; ora, é claro, eu poderia ter diversas opções e optei apenas por uma, sendo assim, minha escolha é livre.

Vejamos o problema da afirmação acima, é comum tomarmos decisões dentre as opções a quais nos são entregues, escolhemos a maneira que vamos nos vestir de acordo com o que possuímos no guarda roupa, a música que vamos ouvir de acordo com o acervo optado, a janta em um restaurante de acordo com o menu, dentre outras coisas simples. Também tomamos decisões sobre coisas mais complexas, como por exemplo, com quem irei casar e construir uma família. Tenho fortes motivos para acreditar que pouca parte das *pessoas* pare para pensar se escolhas como estas citadas, foram realmente deliberadas somente através da vontade de cada um, possuindo assim total liberdade de escolha.

Na década de 80, Benjamin Libet (1916-2007) criou o que chamamos hoje de experimento de Libet, onde ele problematizou a ideia do livre arbítrio, chegando até mesmo a dizer que ele se trata apenas de uma ilusão. O experimento ocorreu com voluntários que eram equipados com eletrodos na cabeça, estes deveriam decidir apertar um botão e ao mesmo tempo registrar onde estava o ponteiro do relógio de acordo com sua decisão, enquanto isso, Libet mediu a atividade cerebral dos voluntários durante este processo, e descobriu através deste experimento que era possível detectar no cérebro, o começo do movimento até meio segundo antes do momento que os voluntários acreditavam ter tomado a decisão.

Com isso, Libet consegue demonstrar que não é a vontade do ser que delibera a ação tomada, e sim este estímulo anterior, o qual Libet encontrou com seu experimento. Portanto, será que somos nós que escolhemos o que vamos vestir mesmo?

Seguindo da ideia de Libet, em 2011, o pesquisador Stefen Bode realizou um experimento similar, onde os voluntários tinham de escolher a mão com que iriam apertar um botão a sua frente, enquanto isso seus impulsos cerebrais eram medidos. O novo resultado obtido com este experimento, foi que, sete segundos antes dos

voluntários decidirem tomar a ação, os pesquisadores já sabiam a mão que o voluntário utilizaria, reforçando assim a ideia levantada por Libet.

“O estudo referido mostra que o cérebro pode começar a inconscientemente preparar as suas decisões vários segundos antes que ela atinja a consciência; o que as descobertas salientam é que uma cascata de processos cerebrais inconscientes que iniciam no pré-frontal e no PC do cérebro aparecem por muitos segundos e preparam decisões subjetivamente livres” (NAHRA, 2013, p 185)

Além disso, através de impulsos eletromagnéticos, os pesquisadores conseguiam coagir o indivíduo a utilizar a mão oposta à qual ele utilizaria conforme demonstrado por seus impulsos. O curioso estava no fato de que, caso questionado, o voluntário acreditava ter tomado a decisão de escolha de maneira totalmente livre, sem saber que foi coagido externamente a tomar a decisão, e seguindo disso ainda era capaz de justificar sua escolha.

Os experimentos que aqui foram expostos, podem problematizar o que chamamos de livre arbítrio, porém não trago eles para defender uma ideia determinista, mas sim para mostrar que a maneira que nos comportamos, é semelhante a maneira que uma simulação se comportaria ao ser programada, isto é, receberiam estímulos externos para agirem de acordo com o esperado, porém para que a simulação não entre em colapso, a sensação de escolha e liberdade deve existir. Sendo assim poderia se dizer, que não há livre arbítrio, e sim livre justificativa, visto que mesmo que coagidos a agir de uma maneira, as escolhas podem ser justificadas.

Pode-se defender que ao criar uma simulação, o intuito sempre será, deixar que ela se autodesenvolva de maneira mais próxima ao que concebemos como sendo natural. Sendo assim, a única programação que deveria ser realizada, se trata das condições necessárias para vida, como seria o caso da uma simulação de um mundo como o nosso. Em nosso caso estas condições se tratariam do universo e as leis físicas, o inexplicável início de tudo (Big Bang), além de tudo aquilo que não podemos negar ou modificar, pois, caso modificado afetaria drasticamente toda e qualquer *bio*⁹ do planeta.

Embora muitos deterministas utilizem desta impossibilidade de alteração dos meios em que vivemos, para reforçar suas teorias, nossas escolhas em uma

⁹ Bio; vida.

simulação afetam seu futuro e seu rumo, sendo que ao criar uma simulação, pretende-se avaliar sua evolução histórica. Desta forma, seria sensato não programar as ações dos seres conscientes nela, pois será a liberdade de suas escolhas que dará rumo a esta simulação, e assim se obterá os resultados da avaliação.

Vejamos bem, com a utilização da tecnologia para criação de simulações, elas poderiam existir para diversos meios. Isto é, poderia existir simulações com intuítos de entretenimento, como alguma espécie de jogo do futuro, um ultra reality show, até mesmo um filme de possíveis histórias da evolução humana, dentre muitas outras possibilidades. Poderiam existir também, simulações que refizessem a trajetória da humanidade para testar possibilidades de futuros, e assim se estudar modelos econômicos, avanços tecnológicos, modelos políticos e etc. Nos casos exemplificados, a liberdade de vontade do ser será de suma importância para o avanço da simulação, e assim chegar a seu objetivo, seja ele qual for.

É possível afirmarmos que qualquer ser racional sem alguma espécie de patologia, evita e abomina qualquer tipo de sofrimento, William James (1842-1910) comprovou através de estudos que a reação que possuímos ao sentir dor, parte de um estímulo anterior ao comando do cérebro. Com isso quero dizer que, mesmo que sejamos simulados em uma espécie de jogo onde seríamos controlados, se colocados em perigo intencionalmente, prezaremos por nossa sobrevivência através de nossos instintos. Podemos falar também dos instintos maternos, que não são controlados por uma racionalidade como a que possuímos quando adultos. Estes instintos sempre prezam pela sobrevivência do ser, porém, conforme Suits, a maneira com que agimos com o uso de nossos instintos, é muito semelhante a um jogo que jogamos sem saber que estamos jogando, e por mais contraditório que possa parecer está afirmação, ele a defende em seu artigo, “Is life a game we are playing?”, onde diz que a palavra jogo pode ser alterada para qualquer palavra que de a entender que se trata de algo que fazemos sem saber que estamos o fazendo.

Suits defende que a vida pode ser alguns tipos de jogos, definindo que jogar algo é estar em uma atividade visando um objetivo e excluindo certos meios para se chegar neste objetivo, que no caso de um jogo, seria considerado trapaça. Baseando-se em Freud, uma das formas de jogo que podemos estar jogando, segundo a visão de Suits, está na morte, ela seria nosso objetivo, o fim que os jogadores desejam alcançar, excluindo certos meios, como suicídio. Este objetivo então será alcançar a morte de

uma maneira que o jogador escolha, visto que a forma que se vive interfere diretamente na forma que se morre.

Entregar-se a uma atividade direcionada para a realização de um certo estado de coisas, usando somente meios permitidos por determinadas regras, sendo que os meios permitidos pelas regras são mais limitados do que seriam na ausência das regras e de tal modo que a única razão para aceitar essa limitação de meios é tornar possível essa atividade. (SUITS, 1967).

A outra forma de jogo que ele defende e a qual se aprofunda mais, diz que cada jogador procura maximizar o seu próprio prazer, e os meios que são impedidos para facilitar isso, está em não diminuir o prazer de outro para aumentar o seu. Porém, deliberar isso para nós, soa como uma regra moral, a qual já possuímos não como regra de um jogo, mas Suits diz que “se a actividade que imaginámos que caracteriza a vida for um jogo, essas razões estratégicas ou morais para nos abstermos de aumentar o nosso prazer à custa do prazer de outrem são na verdade uma máscara para impedir o jogador de saber que está jogando um jogo.” (SUITS, 1967). Seguindo desta ideia, alega ainda que as demais regras morais, a quais temos sérios problemas de fundamentar, se tratam destas regras que proíbem utilizar de certos meios para alcançar nosso fim último.

Ora, o pensamento de Suits parece aplicar força a ideia de que nossas ações não são de todo livres. Entretanto, as regras que são impostas a nós, não nos limitam a elas, visto que servem de plano secundário, como as leis positivas que temos atualmente. Ou seja, o pensamento de Suits, embora nos mostre que o universo em que vivemos possui regras a quais não podemos fugir, nos dá liberdade para tomarmos as melhores decisões de acordo com nossa vontade.

Com essa ideia, podemos reforçar o pensamento de que uma simulação produz de maneira programada somente o necessário para haver vida nela, como as leis da natureza, que já abordamos. Pode-se dizer que estas regras, que segundo Suits estamos sujeitos a seguir, se tratam também de uma espécie de programação.

Desta maneira, há como defender que mesmo sendo produtos de uma simulação, somos livres para tomarmos nossas decisões de acordo com nossas vontades, e contribuir desta maneira para que a simulação prospere.

4. MAS, AFINAL, PESSOAS NÃO SÃO ESSENCIALMENTE SERES HUMANOS?

No decorrer desta sessão será abordado o quesito de humanidade, reafirmando a ideia de que uma IA pode se tratar de uma pessoa. Porém, simulados ou não, nos caracterizamos como seres dotados de humanidade, portanto, tentaremos entender se ser pessoa é de exclusividade humana, e a partir disso falaremos em que aspectos nossa vida mudaria caso sejamos mentes simuladas. Defendendo também a ideia de que, a hipótese da simulação deve ser considerada científica.

4.1 HUMANOS E CIBORGUES, AMBOS PODEM SER PESSOAS.

“Humano” é um conceito completamente biológico, diferente, portanto, de “pessoa”, um conceito não-biológico. Podemos dizer que um indivíduo é humano a partir do momento em que surge nele DNA humano. Células são humanas se possuem DNA humano, por consequência, o corpo humano é um corpo formado por células com DNA humano. Porém assim como os gregos alegavam, o corpo é como uma engrenagem, precisa de todas peças para funcionar plenamente, de certa forma que será insensato dizer que fora do conjunto da engrenagem algo possa ser humano, como exemplo, um dedo que venha a ser amputado, este possuirá o DNA humano, mas não será um ser humano.

O termo “Homo sapiens” é usado para indicar uma espécie natural, ou seja, uma explicação biológica para classificar a espécie. Por outro lado, o termo designa em sua tradução, “homem sábio” o que nos reporta a explicações biológicas “homem” e não-biológicas “sábio”, não há um consenso sobre a sapiência humana, porém podemos falar sobre a personalidade a qual abrange boa parte daqueles que se enquadram no quesito ser humano, e com isso vamos buscar entender, se ser pessoa, está ligado unicamente a ser um ser humano.

Como já vimos anteriormente, Locke realizou uma distinção entre humano e pessoa, se tratando por ser humano, a substância, e pessoa, o ser com capacidade de se projetar. Porém, quando Locke constituiu o termo pessoa, ele queria utiliza-lo como base para determinar a identidade pessoal de cada ser. Falaremos aqui sobre *personhood*, que tem por tradução, pessoalidade, no fim se trata sobre o mesmo termo que Locke designou, pessoa, porém explorado agora para o conceito social que usamos ao falar sobre aquela ou esta pessoa.

A expectativa para o futuro vista através dos olhos de um transhumanista, é de que brevemente, os seres humanos irão evoluir. Bostrom defende boa parte das teses transhumanistas, e diz em um artigo “A humanidade atual não precisa ser o ponto final evolução” (BOSTROM, 2005). Transhumanistas acreditam que devemos utilizar da tecnologia para melhorar nossas limitações biológicas, o que de fato são inúmeras. Porém, ao modificarmos a biologia humana, estaríamos modificando o que denominamos como sendo o núcleo do que chamamos corriqueiramente de humanidade.

A ficção científica já nos mostrou ciborgues muito antes de que fosse possível conceber um de fato, como por exemplo o inspetor bugiganga e o robocop. Em suas histórias originais se tratam de seres humanos que após sofrerem danos graves, tiveram partes robóticas implantadas em seus corpos para se manterem vivos. Porém, devido a maneira de pensar e agir destes exemplos citados, não possuíam problemas de não serem aceitos em uma sociedade de seres humanos. Embora possa haver quem defende que eles ainda se tratam de seres humanos, o conceito de ciborgue, neste caso, deve ser alterado, pois segundo dicionários, ciborgue se trata de; Ser humano ou ser que se assemelha às forma humanas que tem processos biológicos alterados ou substituídos por meios eletrônicos.

Se alterado o conceito de ciborgue, devemos repensar o que Neil Harbisson é, haja visto que em 2004 ele foi o primeiro ser humano a ser aceito por um estado como um ciborgue. Harbisson sofre de acromatopsia desde seu nascimento, isso faz com que ele veja o mundo sem cores, ou em escalas de cinza. Após assistir uma palestra sobre alternativas transhumanistas, ele foi atrás de oportunidades que pudessem lhe auxiliar em sua deficiência, até que como alternativa, foi implantado em sua cabeça uma espécie de antena junto de um dispositivo ao qual ele se trata por eyeborg. Através deste olho cibernético, Harbisson é capaz de distinguir as cores do mundo.

A antena e o olho têm como objetivo, reproduzir as cores do mundo emitindo um efeito sonoro no interior da cabeça de Harbisson, fazendo assim com que ele seja capaz de *ouvir as cores*. Esta ideia para muitos pode parecer absurda, pois seria impossível dizer que ele teria a mesma noção de cores que os olhos humanos podem fornecer. Porém, com o passar do tempo, ele foi capaz de distinguir trezentos e sessenta cores, assim como os olhos humanos, sendo capaz de diferenciar todos graus da cartela de cores, além de que, ele alega que começou também a sonhar com cores. Atualmente ele realizou diversos upgrades em sua antena, fazendo ela se

conectar com outras formas de sinais, assim como detectar além da visão humana, como por exemplo, infravermelho.

Harbisson não possui tanta tecnologia no corpo como o caso do inspetor bugiganga e robocop, entretanto se encaixa no conceito de ciborgue.

*"A maior mudança aconteceu quando comecei a ouvir cores em frequências diferentes nos meus sonhos. O meu cérebro criou sons electrónicos e entendeu-os como cores. O organismo e a cibernética unem-se. É por isso que a palavra "ciborgue" define o meu ser."
(Harbisson, 2012)*

Poderíamos então abandonar a ideia de que Harbisson seja um humano? Harbisson ainda possui DNA humano em sua totalidade, mas podemos dizer que possui um certo tipo de upgrade, que os demais seres humanos de forma natural não haveriam possibilidade possuir. Portanto, se trata apenas de uma questão de conceito, se ser humano é possuir DNA humano e forma humana, Harbisson é então um ser humano. Entretanto, ser ciborgue se trata de um ser humano que venha a ter alterações biológicas através aparelhos eletrônicos, portanto possuir DNA humano e forma humana, não pode ser o motivo de priva-lo de ser um ciborgue.

Podemos analisar a mesma questão através do conceito de substância de Locke, poderia se concluir através dela que não se trata de um humano, haja visto que ele possui de certa forma, algo além dos átomos humanos, ou seja, o que denomina a substância humana. Entretanto, com a mesma visão poderíamos dizer, que há ainda a completa substância humana em Harbisson, e o que antena lhe proporciona, não está ligado a sua substância, visto que fará parte da identidade de Harbisson ouvir cores, e não vê-las como estamos habituados, além do que, se removida ainda haverá o mesmo ser presente ali.

Ainda pode haver argumentos que venham a defender a ideia de que não há possibilidades de Harbisson ser um ciborgue, e ainda se tratar de um ser humano. Estes podem ter como base os conceitos biológicos mais primários, que todo e qualquer ser vivo possui, isto é, a reprodução. Ora, se ele é capaz de copular, e por sua vez ter sucessores, não há dúvidas de que estes nasceriam seres humanos e não ciborgues. Isso pode ocorrer pelo fato de que alterar a biologia de Harbisson, não fará com que seu sistema reprodutor seja alterado da mesma forma, assim como um ser humano sem braço não necessariamente terá herdeiros sem braços, como Lamarque

pensava. Portanto, se a possibilidade de reprodução com a geração de seres humanos garante a humanidade, deveríamos assumir humanidade para as máquinas que são capazes de criar embriões em laboratório? Proponho aqui um experimento mental para decorreremos do assunto.

4.2 EXPERIMENTO MENTAL; A HUMANIDADE PODE SER DETERMINADA PELO DNA E CAPACIDADE REPRODUTIVA?

Em 2050, uma grande empresa criou um ser de fisionomia humana, a borracha que foi utilizada para reproduzir sua derme, tem um aspecto extremamente semelhante ao da pele humana, capaz de reproduzir o calor, transpirar e até mesmo ter alterações por vitaminas de melanina. Esta pele já vem sendo utilizado para reconstrução de tecido em vítimas de queimaduras de segundo e terceiro grau. Este ser, além da fisionomia e textura humana, é dotado de um sistema reprodutor feminino, que ovula de acordo com sua programação. Possui também um organismo humano completo, tal como sistema digestivo, respiratório e etc. Os órgãos que foram utilizados para a criação deste ser, também já servem para transplantes, de maneira que o corpo humano não os rejeite, pois são criados através de completo DNA humano, usando de base seres que doaram órgãos para pesquisa. Porém, este não possui um cérebro, e nunca possuiu nada semelhante, portanto padece de consciência. Em outras palavras, ele não reage a estímulos e é incapaz de obter qualquer tipo de sentimentos. O intuito desta empresa é apoiar os homens que desejam ter filhos sem ter um casamento, visto que esta possibilidade até então era apenas concebida a mulher através da inseminação artificial.

Neste caso, assim como falamos de Harbisson, existe a substância humana e a possibilidade de reprodução capaz de gerar seres humanos e somente humanos (podemos ignorar a consciência neste ponto, pois estamos falando de biologia), portanto, não vejo maneira de defender que Harbisson ainda é um ser humano, sem atribuir o quesito de humanidade para o ser criado artificialmente para auxiliar homens a serem pais solteiros. Portanto, caso se entre em contradição ou conflito de pensamentos sobre a atribuição de humanidade, aceita-se por consequência que Harbisson se trata de um ciborgue e não mais um ser humano.

Sendo ciborgue ou não, que neste caso acho plausível aceitar se tratar de um ciborgue, ainda há com ele, devido possuir consciência, sua identidade pessoal, e segundo a ideia de Locke, não há como possuir identidade pessoal sem ser uma

pessoa. Socialmente ainda nos referimos a Harbisson como pessoa. Veremos agora uma maneira diferente da visão de Locke para se obter pessoalidade, de certa forma se trata um sentido mais social, visto que Mary Anne Warren não utiliza o termo pessoa para determinar que há identidade pessoal em um ser, mas sim, busca o conceito de pessoa ao qual nos referimos quando falamos *pessoa*.

Warren elaborou uma tabela de requisitos que determina se há pessoalidade em um ser, segundo sua visão, para que se tenha pessoalidade é necessário que se supra os critérios a seguir, consciência, raciocínio, atividades automotivadas, capacidade de comunicação e autoconsciência. Portanto, ser portador de DNA humano não é critério para que se seja pessoa, logo, ciborgues, IAs, e seres que ainda não concebemos poderão ser tratados como pessoas.

Ora, o que vimos acima reforça a ideia de que IAs são pessoas, diferente de ser humano, pois nesta concepção muitos podem não se tratar de pessoas. Entretanto, não é possível que exista uma IA, que não se trate de uma pessoa, visto que irá suprir os requisitos já vistos. Desta forma, até que ponto descobriremos que somos IAs poderá interferir em nossas vidas, pois, se somos IAs, e todas IAs são pessoas, esta poderá ser nossa essência.

4.3 SER SIMULAÇÃO NÃO DEVE ALTERAR O MODO COMO VIVEMOS.

Ao aceitar que podemos ser simulações, possivelmente haveria uma alteração drástica no modo como vivemos, ao menos é o que podemos esperar sobre tal revelação. Mas temos fortes exemplos de pensadores que eram céticos quanto a existência das coisas no mundo ou até mesmo suas próprias existências, como por exemplo Platão, Berkley e o já citado Descartes. Estes viveram suas vidas da mesma maneira que aqueles que não seguiam sua linha de pensamento. Portanto não há motivos para entrarmos em colapso existencial caso nos fosse revelado que somos mentes simuladas em um mundo simulado.

Foi quando, Descartes quis duvidar de tudo a sua volta que revelou seu maior pensamento, “penso logo existo”. Embora este pensamento, com a possibilidade de que sejamos mentes simuladas pode ser facilmente alterado para, penso, logo, não existo. Visto que ser consciente em uma simulação é o mesmo que ser uma mente simulada, e por sua vez apenas uma IA criada em um alguma espécie de computador.

O fato que aqui cabe, é entender que sendo mentes simuladas ou não, nossas experiências são reais, nosso mundo e nós mesmos existimos, mesmo que seja

apenas em um programa de computador. Isso de fato, abre uma nova área para a metafísica¹⁰ do mundo, e diferente de tudo que pensam, nossa realidade se trataria apenas de bits¹¹. Ao descobrirmos que somos simulações, saberíamos muito mais sobre a essência das coisas que sabemos hoje, os objetos físicos que vemos não deixariam de existir, mas nós saberíamos que eles tratam de bits. Dentro disso, construímos nossa personalidade, temos sensações e sentimos sofrimento e alegria, e com o passar dos anos existe o progresso de nosso consciente, ou seja, acumulamos experiências, portanto, isso há de ser real.

Vimos que, sendo simulados ou não, o modo como definimos pessoa, que é o que nos mantém sendo nós mesmos no decorrer do tempo apesar de toda alteração substancial, também se aplicaria a uma mente simulada, pois ser pessoa não é de exclusividade humana.

Também vimos que há fortes motivos para acreditarmos que nossas ações são deliberadas através de nossa vontade, mas não é possível que consigamos chegar a um veredito final sobre este assunto, pois, mesmo que não sejamos simulações, o assunto perturba muitos pensadores. Havendo aqueles que defendem teses deterministas, e aqueles que defendem que somos livres e que possuímos livre arbítrio.

Portanto, mesmo que com o passar do tempo a terceira proposição de Bostrom venha a se mostrar mais provável que as demais, não haveria motivos para nos sentirmos enganados por possivelmente nos tratarmos de uma simulação de um computador. Mesmo que isso seja uma verdade, o modo que sempre vivemos foi simulado, toda linha de pensamento criada sobre a humanidade, foi criada sobre uma humanidade simulada. Sendo assim, não é por saber que esta realidade se trata de uma simulação que haveríamos de mudar o modo como a vemos.

4.4A IDEIA PROPOSTA POR BOSTROM DEVE SER VISTA COMO CIENTÍFICA.

Os pensamentos científicos se baseiam em fatos, portanto a teoria proposta poderia ser refutada pela impossibilidade de investigação dos fatos, isto quer dizer que, não há maneira de sabermos se vivemos em uma simulação, ao menos não nos tempos que vivemos. Entretanto, já houve muitos pensamentos científicos que não

¹⁰ Metafísica; estudo que visa descrever os fundamentos do mundo, causas, princípios e finalidades. Estudo da essência do suprassensível.

¹¹ Bits; dígito binário, utilizado na programação computacional.

foram aceitos devido a impossibilidade de verificação dos fatos e com o passar dos tempos se mostraram paradigmas verdadeiros. Assim como já existiu teorias científicas que foram denominadas como corretas por um longo período de tempo, e se mostraram falsas com o passar do tempo. Portanto a ciência não é de todo precisa, haja visto que toda teoria científica pode e deve ser alterada a qualquer momento, desde que exista um fato no mundo que a comprove sua falseabilidade atual.

Com isso quero dizer que, tornar a ideia de que sejamos mentes simuladas inviável por sua falta de fatos no mundo, se tratará de uma falácia, assim como, acreditar que existe algo universal tirado de observações particulares, se tratará também de uma falácia indutivista. O modo mais comum de se fazer ciência, se trata em ter uma hipótese, observar os fatos e a partir dos fatos justificar sua hipótese. Porém, quando se é feito isso, se vai contra um sistema lógico, ou seja, se for observado um fenômeno x mil vezes, e a partir disso aceitar que, todo fenômeno x será assim, não há garantia alguma desta teoria, a justificação se dará pelas mil observações, entretanto, a observação mil e um poderá ser diferente.

Não há um consenso de como se faz ciência, ao menos até onde se expande nossas correntes de pensamentos. O empirismo construtivo parece fortalecer a ideia da aceitabilidade da tese da simulação, como tese científica, visto que alega que só podemos conhecer o que observamos, e sobre fenômenos inobserváveis, pergunta “como sabemos que as teorias são verdadeiras? ”, e a resposta é, não sabemos. Com isso, segundo a ideia de um empirista construtivo, devemos tomar como plausível todas teorias sobre fatos inobserváveis, haja visto que já negamos e aceitamos de maneiras equivocadas, portanto, ao tomarmos como possível uma teoria, caso ela se mostre verdadeira ou falsa, não haverá uma quebra de paradigmas, pois poderia tanto ser, como não ser.

O que então nos dizem as teorias? Na visão realista, elas nos dizem como o mundo é. Porém, de acordo com o empirista construtivo, nunca podemos saber como o mundo é, pois nunca podemos saber os seus aspectos inobserváveis. Segundo essa visão, as teorias nos dizem como o mundo poderia ser, isto é, elas nos oferecem histórias úteis sobre como o mundo poderia ser, mas nunca podemos saber se essas histórias são de fato verdadeiras ou não. (FRENCH, 2009, pg 107)

Portanto, toda e qualquer teoria que venha a se referir sobre fatos inobserváveis, que é o caso da teoria da simulação, deve ser vista como uma possibilidade, nem verdadeira nem falsa, mas possível. Porém, com o passar dos anos, esta ideia pode vir a se tornar uma teoria mais aceitável, visto que conforme a espécie avança tecnologicamente, e não seja extinta, a terceira proposição de Bostrom vem se mostrando como mais verdadeira.

E este é outro jeito de tornar uma teoria científica, a perspectiva falseacionista, que se assemelha ao que Einstein disse, “Nenhuma quantidade de experimentos pode provar que eu estou certo; um único experimento pode provar que eu estou errado”. Esta perspectiva se designa a aceitar como científica, apenas as teorias que podem ser falseáveis, pois caso não possa ser falseável, se tratará então de uma pseudociência. Como exemplo, a lei da gravidade, que por mais que não venhamos a duvidar desta, é possível a falsear mostrando como fato um corpo que não seja atraído pela gravidade.

Portanto a ideia que Bostrom traz usando das três proposições, deve ser considerada científica, pois, para que a primeira seja verdadeira, deve-se por consequência ser falsas a segunda e a terceira, e assim por diante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Portanto, ao aceitar que a terceira proposição de Bostrom está correta, e, como vimos, devemos torcer para que assim o seja, por consequência podemos concluir que nos tratamos de mentes simuladas, e assim sendo, inteligências artificiais. Porém, o valor que atribuímos à nossa existência e o modo como encaramos a vida não teriam motivos para serem mudados, pois nossas ações e personalidades independem do fato de que sejamos seres humanos ou Inteligências Artificiais, os atributos que consideramos essenciais para o modo como vivemos, não estão firmados em nossas bases biológicas.

Caso este seja o fato, não fazendo diferença se somos humanos de carne e osso ou apenas IAs, temos fortes motivos para julgar que já descobrimos nossa essência, assim como essência do mundo, pois este se tratará de programação. Portanto, todos filmes que buscam colocar a espécie humana em conflito com a evolução da tecnologia estão errados, pois nossa semelhança, natureza ou essência não deveria ser buscada naquilo que nos faz “humanos”; estamos, enfim, mais assemelhados às máquinas.

Além disso, deveríamos, de toda forma torcer para que o avanço tecnológico aconteça, pois, do contrário a alternativa que nos resta é termos de aceitar que um dia seremos extintos ou de que se chegará ao limite do avanço tecnológico, e, com ele, também será limitado nosso conhecimento.

E desta forma podemos dizer que, independente de nossa essência, independente de nossa biologia, simulados ou não, não podemos deixar este fato mudar o que consideramos importante para nossa existência. Portanto, simulados ou não, devemos ser pessoas necessariamente.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean, Simulacros e simulação, Relógio D'agua, 1981.
- BOSTROM, Nick, We are living a computer simulation?, Scientific American, 2003.
- BOSTROM, Nick, Transhumanist Values, Oxford University, 2005.
- DESCARTES, René, Discurso do método, Escala educacional, 2006.
- FRENCH, Steven, Conceitos chave, Ciência, Artmed, 2009.
- HARBISSON, Neil, Eu escuto as cores, disponível em: https://www.ted.com/talks/neil_harbisson_i_listen_to_color?language=pt-br. Acesso em: Janeiro 2018
- IRWIN, William, Matrix, bem-vindo ao deserto real, Madras, 2002.
- JAMES, W, Os princípios da Psicologia. Cambridge, Harvard University Press, 1983.
- LIBET, Benjamin, CURTIS, A. Gleason, ELWOOD, W. Wright, e DENNIS K. Pearl, Time of conscious intention to act in relation to onset of cerebral activity (readiness-potential)." Brain 106, 1983.
- LOCKE, John, Ensaio sobre o entendimento humano, Livro II, Capítulo XXVII: Da identidade e diversidade, 1694.
- NAHRA, Cinara, Neuroética, livre arbítrio e responsabilidade moral: A neurociência não prova que o livre arbítrio é uma ilusão, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CNPQ, 2013.
- RACHELS, James, Os elementos da filosofia moral, AMGH, 7° edição, 2013.
- SOUTH, James B. e ENGELS, Kimberly S. Westworld and Philosophy. Oxford: Wiley Blackwell, 2018.
- SUITS, Bernard, Is Life a game we are Playing? Ethics, 1967.
- WARREN, M. Anne, The personhood argument in favor of abortion, 1973
- O livre arbítrio não existe, dizem neurocientistas. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/ciencia/o-livre-arbitrio-nao-existe-dizem-neurocientistas/>. Acesso em: Maio 2018.

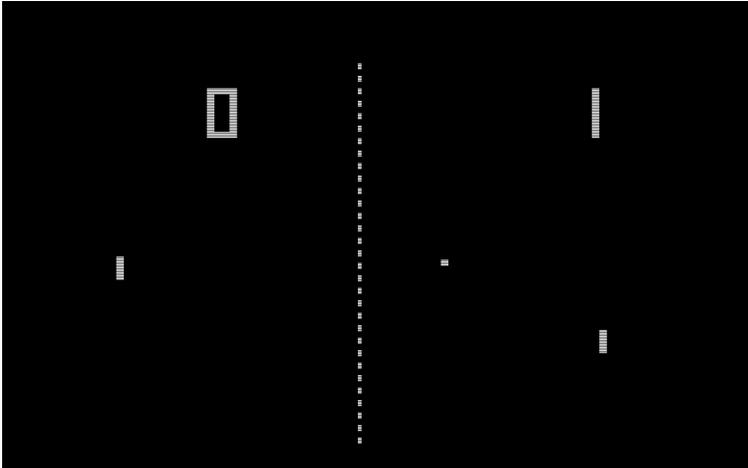
O ceticismo e a hipótese da simulação. Disponível em: <http://serious-science.org/skepticism-and-the-simulation-hypothesis-61894>. Acesso em: Abril de 2018.

Lei de Moore. Disponível em <https://www.intel.com/content/www/us/en/silicon-innovations/moores-law-technology.html>. Acesso em Abril 2018.

<http://cinedestak.com/wp-content/uploads/2015/08/SW-Tarkin-foto-1.jpg>

ANEXOS

ANEXO A, disponível em: < <http://rodrigogrow.github.io/GameHistoryTimeline/>>



ANEXO B, disponível em: < <http://bloody-disgusting.com/wp-content/uploads/2017/12/deathstranding.jpg>>



ANEXO C, disponível em: < <http://cinedestak.com/wp-content/uploads/2015/08/SW-Tarkin-foto-1.jpg>>

